

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Povo (D.P.) Class.: 211

Data: 2 de Novembro de 1986 Pg.: _____

Exposição mostra como agem os índios Apitereuas no Pará

Estão em exposição no segundo piso do Shopping Center Iguatemi 42 fotos do fotógrafo japonês Mikami sobre os índios Apitereua (Paracaná), o último grupo contatado pelo indianista Sidney Possuelo.

Sidney Possuelo, 46 anos e quatro filhos é indianista há vinte anos e coordenador das frentes de atração da Funai há seis anos. O número dos índios que não foram contatados é em torno de 2 mil, avaliados cerca de 40 e 45 núcleos arredios, isolados. A medida que for feito um trabalho mais minucioso a tendência é aumentar este número, com a descoberta de novas tribos.

Hoje são sete frentes de atração: Paracaná, no Pará, já mantido o primeiro contato; Araras, na curva do grande Iriri, Pará, cujo número de índios não se sabe ainda; Zorá, em Rondônia; Caripuna, em Rondônia; Uruewauwau, Rondônia; Avacanuero, em Goiás; Guajá, no Maranhão. Cada frente é chefiada por um sertanista e trabalham de dez a noventa pessoas.

Segundo Sidney Possuelo, a maior parte das frentes de atração está em fase adiantada de trabalho, exceto as de Guajá, Avacanuero e Iriri. Disse ainda que através das frentes os índios vão incorporando traços culturais e alterando os padrões, mas que isso não chega a despersonalizá-los. "Há núcleos que estão há décadas em contato com brancos e mantêm como vínculos a língua, a tradição, a economia. Quando vêm para a cidade, usam calças Lee, por exemplo, e nem por isso deixam de ter sua cultura, sua língua. Mas muita coisa é alterada", disse.

Após os primeiros contatos nova tendência de cair a população, por causa das doenças, conforme disse Sidney Possuelo. Passado esse primeiro momento começa a haver uma recuperação.

Algumas comunidades indígenas estão crescendo, como os Tapirapé, próximo à Ilha de Bananal, no Mato Grosso. Hoje estão sendo contatados grupos menores. Antigamente, entrava-se em contato com uma comunidade de 300 pessoas e morriam todas por causa das doenças dos brancos. Agora entra-se em contato e vacina-se rapidamente os índios e evita-se esse choque.

Tudo isso ajuda a diminuir o índice de mortalidade, mas nem por isso pode-se dizer que a situação esteja boa. Há muito a ser feito, segundo o indianista. Há casos no entanto que partem para a extinção, como é o caso dos Carará do Pará, onde, depois de um ano de contato sobraram somente cinco mulheres. Mas, a média, está ocorrendo uma estabilização.

A pacificação, segundo ele, é a guerra de um lado só. A frente entra com a melhor das intenções e o grupo indígena fica esperando a primeira oportunidade para flexar. O nível de tensão é muito grande, é preciso uma boa experiência para comandar os mateiros para controlar, ou eles vão embora ou deixam tudo.

O último ataque registrado foi dos índios Araras, no Pará onde atacaram a frente de pacificação e feriram três mateiros. Há uma série de medidas para evitar o ataque, como fogos, luzes, vigilância em torres, cuidados em não sair sozinhos na mata para caçar, pescar. A gente tem que estar abastecida para não ter que ficar entrando na mata para sobreviver.

Tutela

"Se o Governo não toma uma medida de intervenção, a tendência é o desaparecimento dos índios com as fazendas, garimpos. Só se faz uma frente de atração quando é justificável. Muitas vezes os índios estão em conflito entre as tribos. É o caso dos Paracaná como os Sulini, Arauetê, Chichlin, Bacajás. Se agente não intervisse, a tendência seria o desaparecimento", segundo o indianista. O índio moderno tem uma de fo-

go, e usa roupa que o protege, muda seu estilo de habitação, pesca com anzol, rede, tudo isso ligado à sobrevivência. Mas ao mesmo tempo cria uma dependência do homem branco que acaba se transformando uma faca de dois gumes. "Houve uma mudança de valores, disse, com a introdução de novas ferramentas. No caso do machado de pedra, por exemplo, demoravam seis meses para fazer uma roça e com machado e facão apenas dez ou quinze dias. Então fica uma interrogação pergunta-se se mudou alguma coisa.

Há casos curiosos, como na pacificação dos Caiopós: encontraram um rapaz, um branco, que havia sido roubado pequenininho num dos ataques dos índios. Hoje ele usa um bodoque, casou-se. O estereótipo do nosso índio na sociedade é com base no índio americano. A realidade é totalmente diferente e decepçiona.

"Nossa sociedade não está estruturada para o índio. Não tem nem mesmo estrutura para outras minorias étnicas, quanto mais para o índio. Quando ele é incorporado está

abaixo no último degrau, abaixo até do caboclo. No contesto brasileiro o índio poderia até emergir com melhores condições que os camponeses, pois ele já tem a terra. Mas as dificuldades para igualar é o que impede, entre outras coisas. Se acabar com a tutela oficial do Estado, ele é morto. Com a tutela já fazem o que vemos". E arremata, sobre o trabalho das frentes de atração "o princípio de sobrevivência na selva é: coma tudo o que o macaco comê. E se não encontrar outra coisa, coma o macaco também".



O indianista, Sidney Possuelo, esteve em contato com os Apitereuas